

## **Cibercultura e extremismos: notas sobre brasil e argentina no tempo presente**

**DILTON CÂNDIDO SANTOS MAYNARD**  
Universidade Federal de Sergipe - Brasil



*Sociedad y Discurso*  
Número 23: 148-170  
Universidad de Aalborg  
www.discurso.aau.dk  
ISSN 1601-1686

### **Resumo**

Este artigo investiga a persistência dos grupos de ultra-direita em dois países da América do Sul (Brasil e Argentina). O texto observa a relação entre as home pages brasileiro e o mais famoso site sul-americano de extrema direita: Ciudad Libertad Opinión, criado em 1999, com a finalidade de disseminar ideias fascistas e prestar apoio a outros grupos extremistas. Durante sete anos, este site foi a principal anfitriã para home pages extremistas em vários países da América do Sul.

**Palavras-chaves:** Cibercultura, Extremismos, América do Sul

### **Abstract**

This paper analyzes the ultra-right groups persistence in South America (most specifically in Brazil and Argentina). This text examines the relationship between brazilian home pages and the most famous South American web site of far right: Ciudad Libertad Opinión, created in 1999, in order of disseminate fascist ideas and provide support to others groups. For seven years this web site has been considered the main hostess to extremist home pages in several South America countries.

**Keywords:** Cyberculture, Extremism, South America

## **Introducción**

Rio de Janeiro, 07 de abril de 2011. Naquele dia, Wellington Menezes, 23 anos, invadiu a Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada em Realengo e matou 12 crianças. Ex-aluno da Escola, Menezes também acabou morto. Utilizando a sua página do Orkut, Wellington justificou seus atos como uma “mensagem” para todo o país. Vítima de bulliyng nos tempos de colégio, o rapaz resolveu se vingar executando inocentes. Mas em meio às justificativas do franco atirador, que matou preferencialmente meninas (foram dez garotas assassinadas), havia também a sua mensagem aos “irmãos”, numa evidência importante de que, embora agisse sozinho, ele não era o único e que possivelmente havia conversado on line sobre o atentado com outras pessoas.

Dias depois, a Web ecoava o massacre. No microblog twitter, um usuário com o apelido @frontnacional (numa clara referência à extrema-direita francesa) celebrou a matança: “que se fodam estas crianças mortas, antes elas do que eu, que sou branco, tenho mestrado e dinheiro. Pobre nasceu pra sofrer” (09/04/2011). Apesar de se definir como um “lobo solitário” endinheirado e intocável pela Justiça brasileira, o próprio ativista afirmava orgulhoso possuir 15 mil “seguidores” (MAYNARD, LUCCHESI, 2012:17-44).

A demonstração de extremismo de @frontnacional no Twitter serve para ilustrar algumas das características que o ativismo adquiriu no ciberespaço sul-americano. O “lobo solitário” brasileiro exemplifica como a simples ideia de que qualquer pessoa pode expressar a sua visão de mundo para uma imensa massa contribuiu significativamente para o desenvolvimento de extremismos on line. Assim, a emergência do chamado “hate speech” no ciberespaço ofereceu a possibilidade de aproximar extremistas, conferindo a eles uma maior articulação (BACK, Keith, Solomos, 1998:73). Deste modo, este artigo analisa alguns aspectos dos grupos extremistas de Direita na América do Sul entre os últimos anos do século passado e os primeiros do século XXI.

Mas por que relacionar internet e extremas-direitas na América do Sul? Fundamentalmente, porque é preciso narrar e refletir sobre esta invasão virtual dos pregadores da barbárie. Além disto, poderíamos apontar os seguintes motivos:

1) A abertura da Internet para comercialização coincidiu com um amplo conjunto de transformações vividos pelo mundo Ocidental em meados dos anos 1990. Tais mudanças foram acompanhadas por uma ascensão de práticas intolerantes alicerçadas em discursos e heróis que muitos julgavam sepultados desde o fim da Segunda Guerra. Complexos processos como a reunificação alemã, a queda do Muro de Berlim e a desagregação da União Soviética provocaram uma inesperada onda xenófoba na Europa e suas ressonâncias abriram as brechas para o fortalecimento de movimentos fascistas mundo afora (Cf. Barbosa, 2008; Moyano, 2004; Milman, Vizentini, 2000);

2) Simultaneamente a estes acontecimentos, a Internet deixou de ser um privilégio de pesquisadores, militares e nerds e se tornou um produto comercializável. O sucesso foi rápido e o potencial do novo veículo logo foi percebido por diferentes movimentos sociais e partidos políticos. Além disto, o advento da chamada Web 2.0, com a rápida difusão das redes sociais, promoveu transformações de ordem qualitativa e quantitativa na produção de informações, permitindo que grupos de baixa capacidade financeira lançassem suas ideias no ciberespaço, sendo este um aspecto ainda pouco analisado pelos historiadores quando se trata da Internet;

3) Por fim, o historiador deve estudar a Internet para que tenhamos noção do que ela é, seja como meio de comunicação, seja como prática social. Ángel Martínez de Velasco Farinós nos lembra que a

tecnologia, assim como a arte e a literatura, é um produto da atividade humana . Neste processo através do qual refletimos sobre a ocupação do ciberespaço, sobre o seu consumo na vida contemporânea, o aumento destes lugares virtuais do ódio e a persistência de um fenômeno como o fascismo são um campo amplo para investigações.

Considerando que a tecnologia não possui uma ideologia particular, a nossa proposta é proceder uma análise política dos extremismos de direita considerando os meios nos quais as suas ideias são veiculadas. Desta maneira, estamos colocando em destaque as modalidades culturais tomadas para a prática fascista através de uma perspectiva histórica, na qual a própria rede e suas ressonâncias são consideradas.

Apesar das aparências, o ciberespaço já tem uma longa história. Vivendo tempos caninos, época de rápidas transformações, a rede mundial de computadores experimentou um avanço significativo nas últimas décadas, quando deixou de ser um ambiente restrito a especialistas e caiu nas graças do grande público. Antes espaço pouco visitado, os terrenos digitais, graças a transformações tecnológicas, à emergência da World Wide Web e a avanços significativos nas concepções de interface, passaram a ser frequentados assiduamente e em ritmo crescente. Ao final da primeira década do século XXI, o ciberespaço foi colonizado. Esta ocupação do universo binário em pouco tempo revelou o papel decisivo que a rede cumpriria na vida cotidiana, inclusive na esfera política (Maynard, 2011; Castells, 2003).

Definitivamente a Internet e as redes sociais se transformaram em um ambiente fundamental para as lutas políticas no novo século. No continente americano, o presidente Barack Obama possui quase 10 milhões de seguidores em sua página na rede de relacionamentos Facebook, enquanto o ex-presidente venezuelano Hugo Chávez (1954-2013) chamou a atenção ao utilizar o microblog Twitter para, via Black Berry, relatar aos internautas os passos do seu Governo: “La Revolución Bolivariana comprometida con el conocimiento, la ciencia y la tecnología! Seguimos creciendo en Internet!”, postou El Comandante em 18 de dezembro de 2010. E sinalizando a importância crescente da Internet, vários países têm se movimentado para a criação de “cibercomandos” (Cf. Clarke, 2010). Rússia, China e Estados Unidos já tem os seus, enquanto o Pentágono iniciou a construção do The National Cyber Rangers, através da contratação da Lockheed Martin e Arpa, empresas ligadas à concepção da rede original, uma espécie de Internet-X, versão da rede que servirá como “campo de testes” para simular ciber guerras.

Ora, tanto a primeira eleição do já citado Obama à Presidência dos EUA (2008), quanto episódios como a “Revolução Facebook” (2011), levada adiante no Egito pouco tempo depois do chamado “Cablegate” (2010), reforçaram o poder das novas mídias. Se por acaso houve exageros em atribuir ao

Twitter e Facebook os papéis políticos de motivadores da “primavera árabe”, deve-se ao menos admitir a relevância em discutir os influxos da Web neste tumultuado processo (Silva, 2013:83-88) .

Neste contexto, os ativistas de extrema-direita ganharam destaque pelo uso pioneiro que fizeram do ciberespaço. Percebendo a economia e a agilidade das redes, a extrema-direita logo pôs as mãos nos teclados. Ainda nos primeiros anos da Internet comercial, em 1996, o “Times” noticiava as páginas do ódio em franca ascensão: “racists have discovered that the Net is a marvelous way to get their message out to a huge audience at low cost” . Com a ocupação do ciberespaço, era possível evitar o muitas vezes perigoso contato frente-a-frente: “in the electronic age, face-to-face meetings are secondary importance in forging international linkages. Like the domestic groups, the international far right utilizes the Internet as well as fax machines and desktop publishing to spread the word” (Ridgeway, 1995:21).

Através da Internet, grupos de extrema-direita identificaram as brechas para se fortalecerem e encontraram um meio de comunicação seguro, atrativo e econômico. Antes, cabe lembrar que esta apropriação foi facilitada pela falta de uma legislação específica e pela própria característica supra territorial da rede, que dificultava a ação das autoridades. Lembremos que o ciberespaço não tem uma arquitetura linear. É antes um universo em contínua expansão (Lévy, 1999). E justamente esta espécie de “anomia geográfica” resulta em problema, pois o direito não acompanha a velocidade do ciberespaço. Na rede as transformações são velozes, impedindo uma monitoração frequente pelo poder legislativo.

Assim, direto do ciberespaço, desde os anos 1990, diferentes setores da extrema-direita têm conseguido agredir e escapar de punições com a mesma desenvoltura demonstrada nos teclados, com a mesma agilidade dos cliques dos mouses, deixando poucos rastros (Dias, 2007). A lógica favorável à extrema-direita é aquela em que “quem for livre para fugir da localidade” - e o mundo virtual possibilita isto – “é livre para escapar das consequências” (Bauman, 1999).

Desde as primeiras manifestações cibernéticas, ainda no final da década de 1990, as ideias destes grupos eram veiculadas com estratégias de simplificação (através de slogans, por exemplo), da construção de um inimigo único, o outro conveniente que, como observou Robert Paxton, compreende uma variável que, além do judeu, pode ser o negro, o nordestino, o homossexual (Paxton, 2007). Portanto, entre 1999 e 2007, grupos sul-americanos de extrema-direita, com diferentes matizes, demonstraram as potencialidades da rede mundial de computadores. Uma história que esteve marcada pela emergência de um portal de belo nome, mas que escondia propósitos sombrios (Milman, Vizentini, 2000).

## Argentina e o extremismo virtual do Libre Opinión

Em 21 de setembro de 1999, em pleno processo de explosão da Internet, apareceu o portal argentino “Ciudad Libertad de Opinión” (<http://www.libreopinion.com>). Como finalidade prioritária, o portal apresentava:

Su finalidad prioritaria es la defensa de la libertad de expresión, abriendo sus puertas y ofreciendo hospedaje a camaradas y organizaciones de todo el mundo, especialmente a quienes han visto prohibidos sus sitios o cercenadas sus actividades, por la intolerancia y la presión mafiosa ejercidas por ciertos grupos de poder sobre distintos proveedores de servicios.

Assim, em pouco tempo, como a cabeça da Medusa, a página se tornou o mais conhecido sítio sul-americano de extrema-direita, hospedando a grupos bolivianos, chilenos, equatorianos, peruanos, brasileiros, argentinos, venezuelanos. Alguns Skinheads White Power brasileiros escreveram em sua página: “Thanks Libre Opinion for respect our opinions and for hosting our page”. De cada um dos sítios hospedados pelo LO disparavam-se discursos furiosos. Cada um deles foi, durante anos, um porta-voz da intolerância. O “manifesto” do White Honour São Paulo, por exemplo, dizia:

My ideal with this page is bring to you a bit of facts that makes me angry living over this "democratic" country! I'm not here to justify my thoughts through christianism, I don't feel myself being a brazilian because the borders of a country are not enough to make a strong country. I have a duty with my family, my ancestors, my race: they come first of it all. I work hard to gain some money - enough to live - because non-employed are millions here, while the STUPID government of this shit steals our money smiling, licking the boots of the international jew banks! And now the niggers want money because "they were slaves and the justice shall pay them"... Hell! What is this world?

O mesmo documento afirmou também:

The niggers want money for their ancestors kept as slaves. So all the whites should request their part, our part, because TODAY we are the slaves. I would like to remember that all the slaves brought to Brazil were the worst kind of shit in their country, so stupid (or dangerous) that they were sold by their own leaders and families. They were the most dumb over Africa and this is the reason they were slaves! Can you imagine the worst of the worsts?

Porém, por intervenção da Justiça brasileira e de parceria entre as polícias federais dos dois países, em 2007 o portal argentino viu-se forçado a excluir sites produzidos por brasileiros. Podemos identificar, por exemplo, páginas como Valhalla 88, White Power SP, Blood and Honour Southland, White Honour. Mas ao retirarem estes sítios de operação, as autoridades conseguiram apenas cortar algumas das “cabeças da serpente”. As ideias de ódio e intolerância não perderam espaço, sobretudo pelo fato de que os mesmos grupos já haviam se movimentado para dispersar mais ainda as suas ações,

explorando servidores de fora da América do Sul e, na maioria das vezes, migrando para as redes sociais, emergentes a partir de 2003.

Os exemplos acima evidenciam que, ao final do século XX, uma rede virtual de grupos de extrema-direita foi montada com o auxílio da Internet. E entre 1999 e 2007, a maioria das páginas sul-americanas deste tipo aparecia alojada no Ciudad Libertad de Opinión. O sítio argentino funcionou como um portal, agregando diferentes tipos de home pages, oferecendo links, opções de ação, articulando uma proposta de ação conjunta e dispersa ao mesmo tempo.

Eram grupos com poucos integrantes. Nada comparado às multidões que lotavam estádios na Alemanha e na Itália dos anos 1930. Os neonazis sulamericanos aqui mencionados agiram em pequenos grupos, tribos urbanas que variavam entre três e quinze pessoas. Para alguns, a pouca expressividade numérica é um indicativo da pequenez do problema, da parca capacidade de penetração social e influência. Todavia, como observou Teixeira da Silva, a permanência de práticas como estas, a recorrente presença de grupos como o alemão “Clandestinidade Nacional-Socialista” em pleno século XXI indicia que “em algum momento a educação – não só o ensino da história – mas, todo o processo educativo, falhou! A escola não soube, ou não pode com seus meios, evitar o nazismo (de novo)!”, ou seja, a ressurgência dos fascismos “é uma derrota da escola” (Silva, 2013: 25-29).

#### O Brasil no caminho das ressurgências fascistas

Em junho de 2003, apareciam entre os muitos endereços relacionados ao Libre Opinión, os seguintes sítios brasileiros:

1. Valhalla 88 ([www.libreopinion.com/members/sul88](http://www.libreopinion.com/members/sul88))
2. Anhangá ([www.libreopinion.com/anhangá](http://www.libreopinion.com/anhangá))
3. Esquadrão NS ([www.libreopinion.com/members/esquadrao\\_ns](http://www.libreopinion.com/members/esquadrao_ns))
4. Frente Paranaense Unida ([www.libreopinion.com/members/alexandre](http://www.libreopinion.com/members/alexandre))
5. Hooligans Rio de Janeiro ([www.libreopinion.com/members/hooligansrj](http://www.libreopinion.com/members/hooligansrj))
6. Movimento de Reconstrução Nacional Socialista ([www.libreopinion.com/members/mrns](http://www.libreopinion.com/members/mrns))
7. NS Welt ([www.libreopinion.com/members/nswelt](http://www.libreopinion.com/members/nswelt))
8. Organização Nacional Brasileira pelo Direito dos Brancos ([www.libreopinion.com/members/poderbranco88](http://www.libreopinion.com/members/poderbranco88))
9. White Honour ([www.libreopinion.com/members/whitehonour](http://www.libreopinion.com/members/whitehonour))

10. White Power Sul Skinheads ([www.libreopinion.com/members/wpss](http://www.libreopinion.com/members/wpss))
11. White Pride ([www.libreopinion.com/members/white\\_pride](http://www.libreopinion.com/members/white_pride))
12. Frente Nacional Monarquista ([www.libreopinion.com/members/santacruz](http://www.libreopinion.com/members/santacruz))
13. Organização Branca Nacional ([www.libreopinion.com/members/obn](http://www.libreopinion.com/members/obn))
14. Totenkopf CDs (<http://www.libreopinion.com/members/totenkopf>)
15. Lethal Sagacity (<http://www.libreopinion.com/members/comevanius>)
16. Corrosão ([www.libreopinion.com/members/corrosao](http://www.libreopinion.com/members/corrosao))
17. Percepção ( [www.libreopinion.com/members/elric8888](http://www.libreopinion.com/members/elric8888))
18. Boletim EP ([www.libreopinion.com/boletimep](http://www.libreopinion.com/boletimep))
19. Biblioteca Virtual ([www.libreopinion.com/biblioteca](http://www.libreopinion.com/biblioteca))
20. Comitê Brasileiro de Solidariedade ao Paraguai  
(<http://www.libreopinion.com/cbsparaguai>)

Além destas dezenas, surgiram nos anos seguintes outros sítios como: Resistencia 88, NH3 Home Page, Israel, legião de assassinos, White Attitude, Revisionismo Histórico por Alysson Lang. Porém, a chegada das redes sociais, a gratuidade da maioria delas, mas também o seu alto padrão de interfaces e compartilhamento de dados, aliada ao crescente número de denúncias feitas às autoridades de ambos os países colocaram o site argentino em segundo plano entre os ativistas brasileiros.

Parte significativa destes sites intercambiava material de todo tipo: artigos traduzidos, excertos de discursos de líderes nazistas, pôsteres digitalizados do III Reich, charges sobre minorias, fanzines digitais e muita música. Aliás, o som da intolerância ganhou força no ciberespaço. Na ausência de um líder que amalgamasse seguidores em ampla quantidade, a música (principalmente o rock e seus subgêneros) foi escolhida para contribuir para a causa dos novos nazistas. Via internet, usando registros em MP3, era possível compartilhar rápidas lições de ódio ao diferente, de ataque à diversidade, de simplificação da realidade. Conforme as letras da Brigada NS, o homem branco é vítima de injustiça, da exploração. Espancar gays e negros nas ruas é exercício de cidadania dentro de uma lógica pervertida e expressa em canções como “Peste Negra”:

Negro, negro/Vê se ti manca  
Cai fora do meu país/Levando junto o teu samba  
Negro, negro/Sai da minha nação  
Para abaixar o índice de ladrão  
Já estou cansado/De te aturar  
E o teu fedor/Ter que respirar  
Ainda és escravo e não podes reclamar  
Abaixe a cabeça se não vai apanhar  
Negro, negro/Sai do meu país  
Para me deixar/Mais feliz  
Negro, negro/Cai na real/  
Ainda és primitivo é só um animal/  
Na minha nação/Tu não tens mais lugar  
De tanto procriar/Agora tens que roubar  
Volte para África macaco desgraçado  
Não temos mais senzalas pra você vegetar

Diferente dos anos 1990, em lugar de manifestos elaborados ou de longas e cansativas palestras doutrinárias, os fascistas do ciberespaço trataram de providenciar um material atrativo, incluindo até mesmo jogos eletrônicos, canções que convidam para a “ação” onde não há tempo para pensar. Através da web o repertório de recursos para a pregação e a prática da intolerância assumiu dimensões antes inimagináveis por sua velocidade, praticidade e principalmente baixo custo. Sendo assim, enquanto a rede mundial de computadores ainda ganhava adeptos no Brasil, enquanto o número de computadores no país encontrava-se longe dos padrões de países desenvolvidos (tínhamos cerca de 5 milhões em 1998) , os neofascistas se lançavam rapidamente ao manuseio de sítios eletrônicos, aos processos de digitalização, ao cumprimento das exigências da netkrieg. Como Bloch observou diante da derrota francesa frente aos alemães na Segunda Guerra, a velocidade foi a chave para explicar como tudo aconteceu sem que fosse possível impedi-los (Bloch, 2011:42). Hoje, nos lembra Nye Jr., além da

velocidade, um outro fator se alia à rede e ajuda a explicar a sua posição diferenciada: o baixo custo (Cf. Nye Jr, 2012).

## **Valhalla à brasileira**

Exemplo desta intolerância veiculada rapidamente e de baixo custo foi a página Valhalla 88 (IP 69.73.138.107). Este sítio neonazista brasileiro e seu conteúdo estiveram facilmente disponíveis entre 1997 e 2007. Após a ação da Polícia Federal e a extinção das atividades do sítio, parte do material existente nele foi disponibilizada pelo portal espanhol Nueva Orden, que desta forma passou a ser o principal link de um dos mais ativos sítios da intolerância na América do Sul, reputação obtida principalmente graças ao suporte do seu hospedeiro original, o já mencionado provedor argentino libreopinion.com. Durante a sua década de operação, seus principais alvos eram negros, judeus, homossexuais, imigrantes e sobretudo nordestinos (Maynard, 2009) .

O nome “Valhalla 88” tem origem na mitologia nórdica, referência ao castelo para onde seguem os guerreiros mortos em combate. O número 88, aqui já mencionado, corresponde à oitava letra do alfabeto em sequência (HH), conhecido por neonazistas do mundo inteiro como acrônimo para "Heil Hitler” (Salas, 2006).

O Valhalla 88 ganhou fama na rede pela variedade de material e por ser estável, diferente de outros sites que rapidamente desapareciam. Assim, esta regularidade, este “compromisso com a causa”, chamava a atenção dos navegantes. Acrescente-se a isto que, em tempos de web 1.0, das conexões discadas e de poucos (simples) recursos de compartilhamento, o grupo disponibilizava imagens - fotos, panfletos, pôsteres do III Reich, charges - vídeos, áudio em MP3, mas também textos do chamado “revisionismo histórico” e farto material doutrinário.

Os idealizadores do Valhalla 88 viviam na região Sul, em Santa Catarina, sendo que o sítio alcançou a significativa marca de 200 mil visitas diárias, tornando-se assim um dos mais atrativos links nacionais-socialistas da América do Sul e o mais ativo site extremista do Brasil.

Inicialmente hospedado no Libreopinion.com, o Valhalla88.com foi rastreado pela Polícia Federal e membros da Comunidade Judaica no Brasil, forçando-se a buscar “hosting” nos Estados Unidos e logo depois foi retirado do ar. Os neonazis brasileiros, principalmente skinheads, costumavam, pelo Valhalla88, pregar a dominação do “sangue ariano”, como um elemento de identidade racial .

O próprio nome de batismo do sítio evidencia o apelo místico que ele pretendia ter, aproximando-se assim de outros neonazis conhecidos, como Alejandro Biondini/Kalki (idealizador do Libre Opinión) ou o chileno Miguel Serrano, o líder chileno de um fascismo mais voltado ao um ethos místico. O neonazismo circulante pelos sítios nacionais, emulando exemplos da Europa e de países

próximos como a Argentina, reúne mitos, narrativas e rituais supostamente “pagãos”, promovendo a superioridade da raça ariana. Segunda Adriana Dias “estes racistas, nazistas e revisionistas, constroem e atualizam mitos, inscrevendo na palavra raça uma relação simbólica, polissêmica, complexificada, enraizada numa ideologia saturada de anacronismo, contradições, ódio e insegurança, ideologia esta que os pretende heróis” (Dias, 2007:26).

O argumento do perigo iminente à raça era recorrentemente utilizado no Valhalla 88. As agressões, o preconceito, a xenofobia ali reinante em nada se comparavam ao tratamento injusto e à perseguição que eles diziam sofrer do Z.O.G (Zionist Occupation Government):

Nosso povo é constantemente roubado, enganado, ultrajado e oprimido pelos vermes judaicos que estão no controle de nossa sociedade. Até quando deixaremos isso continuar a acontecer??? Ou nosso povo toma uma atitude ou será para sempre aniquilado. Já é hora de tomarmos de volta o que nos pertence!

HEIL HITLER! SIEG HEIL!”

Durante o seu período de funcionamento o Valhalla 88 manteve um frequentado fórum, chamado Livro de Odin, espaço no qual as ideias de diferentes tendências skinheads se manifestavam. Contudo, após a expulsão do Libre Opinión, o Valhalla enfrentou dificuldades para manter a suas atividades com mais frequência. Aliás a revolta com a suspensão do suporte oferecido pelo site argentino aparece em diferentes comunicados. É assim no aviso dos “Nazistas Sulinos”, que recebeu apoio do V88 para manter algumas informações no ar, mesmo tendo sido desalojados do provedor principal:

Informamos que o site dos NazistaSSulinos foi retirado do ar juntamente com mais 5 outros sites com conteúdo Nacional-Socialista do Brasil. O governo brasileiro enviou ofício ao governo argentino (onde está hospedado o provedor Libreopinion.com, e onde os sites estavam armazenados), com o intuito de forçar o governo daquele país a exercer pressão contra o provedor, para cancelarem os logins junto ao servidor. O Libreopinion, cedeu as pressões e cancelou o login de seis sites nazistas brasileiros, entre os quais apenas dois eram atualizados com frequência. O provedor argentino foi ameaçado de ser processado, caso não cedesse as exigências. Tudo isso tratou-se de perseguição contra o direito de expressão, que deve ser sagrado e unilateral para todos, e deve ser repellido por todo o Nacional-Socialista e qualquer outro homem de bem.

No caso do Valhalla 88 e do NSS, os “vermes judaicos” aparecem como os principais responsáveis por toda sorte de problema que surgisse do seu ativismo intolerante. Esta era a ótica através da qual os fascistas brasileiros, assim como os seus parceiros argentinos, interpretavam os desdobramentos de suas atividades no ciberespaço. A mesma lente foi utilizada para se pensar a relação entre os estados da federação, lente que forja a ideia fixa de exploração dos trabalhadores –

brancos arianos, de franca ascendência europeia – pelos parasitas sociais, isto é, imigrantes, negros, judeus, homossexuais, comunistas e estrangeiros de um modo geral. Contudo, diferentes dos argentinos, os ativistas brasileiros se mostraram mais dispersos, sem as pretensões de formação de grupos legalizados e amplos. A ideologia de “lobos solitários” parece ter tido aqui uma acolhida mais intensa:

Qualquer um é capaz de ser um Lobo Solitário. (...) Sucesso e experiência virão com o tempo. Poderíamos começar endossando a forma de ação que no antigo site Valhalla88 já era pregado constantemente, desde o início em 1998: agir apenas em células!

Com sua xenofobia, conservadorismos e intolerância, lobos solitários como os inicialmente citados Wellington Menezes e @frontnacional representavam principalmente uma fragmentação forçada experimentada por grupos extremistas para vencerem as autoridades. Em tempos de alta tecnologia, era preciso dominá-la habilmente ou renegá-la para ter condições de se esconder: “dificultem o risco de serem calados e perseguidos pelo sistema, jamais participem de grupos supostamente ‘organizados’ e integrados, entre muitas cidades ou que possuam mais de 3 ou 4 membros”. Aconselhava-se ainda: “Sem encontros públicos (isso inclui marchas, passeatas) que não possam ser realizados através de outros modos de comunicação (correio, e-mail, internet, Skype, etc.)”. E as possíveis pistas devem ser eliminadas:

Apagar arquivos com Shift+Del deixa SIM rastros no computador, a única diferença é que o arquivo não passa pela lixeira. Poucas pessoas sabem, mas há vários "níveis" no HD, sendo que mesmo após apagados há a possibilidade de recuperação dos dados. A formatação comum do Windows é o método menos seguro, há vários outros. A Polícia Federal está acostumada a recuperar dados de HD's que já foram formatados, não se iludam! Um programa de formatação bem acessível é este aqui <http://www.killdisk.com/>, que se propõe muito mais eficiente. (...). Salvem tudo em Pen Drive e escondam em lugar seguro.

## **Lobos solitários e extremismos on line**

Como as orientações acima evidenciam, diferente de outros tempos, entre os grupos brasileiros surgidos a partir de 1990 não parece ter havido uma estrutura piramidal. É possível pegar o nome emprestado, usá-lo, sem maiores problemas. O importante é a difusão da ideia. O usuário @frontnacional não propunha uma ação política, partidária. O ativista requisitava principalmente o ataque, o uso da força para a vingança.

O aparentemente destemido e intocável @frontnacional – posteriormente identificado como Marcello Valle Silveira Mello, o mesmo jovem processado em 2005, no primeiro caso brasileiro de

repercussão envolvendo racismo no Orkut – revela-se um “sancto” masculinista, isto é, um ativista de extrema-direita, que defende abertamente “estupros corretivos” para lésbicas e assassinatos de gays, negros, judeus e nordestinos junto aos seus “irmãos”. E entre 2007 e 2012 os tais “sanctos” tiveram um lugar na web. Era o endereço [www.silviokoerich.org](http://www.silviokoerich.org) ou [www.silviokoerich.org](http://www.silviokoerich.org). Como uma espécie de “quem somos” era possível encontrar na página:

Blog de Silvio Koerich, o perdedor mais foda do mundo e um BÚFALO Reprodutor. Aqui eu desmascaro as mulheres, feminismo e os relacionamentos com elas, te ensino a ficar mais viril e honrado e esperto com as mulheres e na vida e falo sobre como sou um perdedor. Também meterei o pau em hippies, metaleiros, marginais, baladeiros, nerds, extrovertidos, ravers, maconheiros, tímidos, Hebe Camargo e funkeiros. Quer saber sobre mim paspalho? Sou um cara viril, pálido, peludo, másculo e careca que mete a real em tudo e todos. Não gostou? Pega a senha.

Em março de 2012, Emerson Eduardo Rodrigues e o próprio Marcello Valle Silveira Mello foram presos pela Polícia Federal na “Operação Intolerância”, motivada não apenas por quase 70 mil denúncias, mas principalmente pela ameaça de massacre na UnB postada no “blog do Búfalo”, como também era conhecido o sítio, em 12 de março: “Estudantes de Ciências Sociais da UnB, estamos a caminho”, prometiam. Sugestões de que um ataque estava sendo planejado começaram a aparecer na página em janeiro de 2012:

Não iremos abrir fogo em uma Universidade que está em período de férias. Para que a ação tenha sucesso, o câncer tem que estar concentrado em um lugar, para que todos eles sejam eliminados de uma só vez.

Esta noite eu sonhei, alunos mortos, sangue pelo chão. Gritos e choros para todo o lado, uma melodia. Não mais havia rimas idiotas tais como “vem para luta contra o machismo”. Tudo o que havia era o silêncio, oh glorioso silêncio.

Armado com explosivos, 2 UZIs semi-automáticas, uma pistola .45, os impuros me imploram por suas vida. Um maconheiro magrelo com a camiseta do PSOL chora, implora, reza, diz que tem família. Neste momento, um buraco é feito no meio de sua cabeça.

Na sala, há mais ou menos 20 pessoas, sem contar os 10 corpos que estão no chão. A policia está a caminho, eles chegam para negociar os refens. Lhes dou esperança, digo que eles irão sair de lá vivos. Eu menti. Aciono o explosivo, milhas de rolamento são lançadas para todo lado.

Segundos finais da minha vida, os melhores de toda ela.

Será um sonho, será uma previsão.

Só o destino irá revelar.

Eu sou Anonymous, eu sou Silvio.

As ameaças seguiam assim:

Este provavelmente (sic) é o último registro que irei deixar.

Quanto acontecer, a mídia controlada pelos judeus e esquerdistas irá criar 1000 teorias em cima da merda toda.

As palavras 'bullying' e 'psicopata' logicamente (sic) estarão presentes.

Quero deixar claro que não sou louco e estou tomando esta atitude em livre e espontanea (sic) vontade.

Esta é a minha vingança contra vocês.

Quem tornou a minha vida um inferno foram os mesmos militantes que lutam pelo 'direitos humanos' de marginais, negros e viados.

Eu podia ter sido alguém para sociedade, mas acredito que D'EUS me deu esta missão.

A cada dia que se passa fico mais ansioso, conto as balas, sonho com os gritos de vagabundas e esquerdistas chorando, implorando para viver.

Vejo o sangue para tudo quanto é lado, manchando uma camiseta com o logotipo do PSOL/PSTU.

Ateus irão conhecer seu criador, bichas irão ser julgados pelos pecados que na terra cometeram. Não irei me suicidar, irei lutar até o último momento, até a última bala. Impuros não poderão me tocar.

O semestre já começou. A profecia irá ser cumprida. (grifos nossos).

Um questionamento a ser feito, antes mesmo de nos determos ao texto, diz respeito ao demorado processo para realizar o cerco aos responsáveis pelo sítio e a solicitação de desativação da página. Por que esperar algo em torno de setenta mil denúncias? O que motivou tamanha morosidade? Além desta incômoda constatação, três aspectos merecem ser observados na promessa acima: a) o ataque possuía público pré-definido, sendo que a Polícia Federal encontrou mapas e procedimentos que viabilizariam a agressão dos dois blogueiros. Ao apontar para as ciências sociais, os ativistas demonstram a repulsa por campos essencialmente dedicados a compreender o ser humano, em lugar de julgá-lo; b) o texto de despedida segue o padrão de um outro "sancto", o próprio Wellington Menezes, aplaudido pelo Twitter por @frontnacional/Marcello Valle Silveira Mello, como mostramos no início deste artigo. Na carta deixada às autoridades, Menezes também falava sobre a necessidade de não ser tocado por "impuros"; c) Um último aspecto provoca reflexões sobre a articulação propiciada pela Internet. O texto acima foi precedido pelo "Manifesto da Terra Arrasada", postado na mesma data, no qual o autor se afirma como um "Cavaleiro do Apocalipse", posicionando-se como "sendo a voz de muitos irmãos que nao (sic) tem tempo para falar, ou nao (sic) podem por alguma limitação (sic), e para seguir exemplos de honoráveis senhores como o Anders Breivik dentre outros que surgirão (sic) em breve".

A referência a Anders Breivik, o extremista que matou pelo menos 77 pessoas, a maioria delas jovens, em atentados na Noruega, em julho de 2011, retoma a ideia de perigo iminente e decadência racial, apesar de não comprovar conexões mais profundas entre os ativistas brasileiros e o ultranacionalista norueguês. A definição do alvo passa também por uma orientação política, como indicia a observação sobre a “camiseta com o logotipo do PSOL/PSTU”. Assim como no caso de Breivik - que atacou um acampamento do Partido dos Trabalhadores (Arbeiderpartiet) norueguês - há conotação política, embora este último, autodenominado Cavaleiro Templário, a tenha pronunciado de modo mais sistemático através do manifesto “2083 - Uma declaração europeia de independência”, um documento de 1518 páginas, no qual o Islam aparece como o grande inimigo a ser vencido, bem diferente do “Manifesto da Terra Arrasada”, texto de pouco mais de uma página escrito pelos sanctos . Ao mesmo tempo, a citação de Breivik serve para lembrar que os atentados na Noruega reforçaram o poder que a Internet ganhou entre os extremistas. Afinal de contas, o atirador era um conhecido ativista cibernético, dono de um perfil com aproximadamente 7 mil “amigos” no Facebook, tendo inclusive publicado textos islamofóbicos em páginas como document.no, um site anti-mulçumano. Anders Breivik defendia o uso da rede para a captação de aliados e a preparação de missões (Gable, , 2012:03).

## **A intolerância como bandeira nas redes do Brasil e Argentina**

Tanto na Argentina quanto no Brasil o aumento dos lugares virtuais do ódio e a persistência de um fenômeno como o fascismo são um campo amplo para investigações (Paxton, 2007; Parada, 2008). Estudar como isto se deu através da web nos tempos em que, segundo Eric Hobsbawm (1917-2012), os nossos vínculos com as experiências das gerações passadas são destruídos sem maiores lamentações e os mais jovens “crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem” (Hobsbawm, 1995:13) poderá ajudar a entender melhor os formatos que este fenômeno assumiu. Como, após tudo que se viveu no século XX, os fascismos se mostram ainda possíveis? Como, em meio a inúmeros expedientes educacionais, a prática da alteridade permanece um problema (Silva, 2004:123-190) e, como um labirinto inesperado, o ódio ao outro persiste?

Na América do Sul, os exemplos foram muitos. As perguntas não param de surgir. Como justificar o ataque de skinheads ao jovem argentino Ivan Kotelchuk, de 19 anos, as oito punhaladas que ele recebeu, os chutes, e sua morte numa fria madrugada de junho, em 2005, em plena Avenida de Mayo, em Buenos Aires?

A propósito, a violência promovida por neonazis argentinos aparecia em diferentes lugares. Ela estava nos jogos de futebol, nas avenidas de Buenos Aires, nos concertos clandestinos organizados em homenagem a Hitler, nas pichações em cemitérios, nas emboscadas em parques e shows. No caso do

Brasil, a primeira geração de “páginas do ódio” recebeu apoio estratégico dos seus parceiros mundo afora. Dos Estados Unidos, extremistas conhecidos como Nazi Lauck ofereciam, desde os primeiros momentos de difusão da rede telemática via www, coordenadas de uso do ciberespaço para a difusão do ódio ao outro. Ao mesmo tempo, o uso dos fóruns do stormfront permitia contatos nos primeiros tempos de popularização da nova rede. Porém, o maior apoio provavelmente veio mesmo da Argentina, através do Ciudad Libertad de Opinión. Deste imenso ambiente telemático, parte considerável de neonazistas brasileiros conseguiu recursos para colocar no ar as primeiras páginas, para dar visibilidade aos seus endereços eletrônicos, divulgar as suas mensagens, convocar os “camaradas” para a luta, no ciberespaço e fora dele, pela “sobrevivência da raça branca”.

No Brasil, a adoção da estrutura celular, a recorrência da ideia de “lobo solitário” aparece com maior nitidez do que na Argentina. É assim que o “Partido Nacional-Socialista Brasileiro”, cujo domínio é [www.nacional-socialismo.com](http://www.nacional-socialismo.com) foi criado em 19 de dezembro de 2008, pouco depois do fechamento do Valhalla 88, se posiciona:

O Partido Nacional-Socialista Brasileiro não requisita filiação formal. Não existe “carteirinha” de associado. Não solicitamos qualquer informação pessoal dos nossos colaboradores; na verdade, sugerimos que tomem o máximo de precaução com todo tipo de dado que possa comprometer a segurança individual e do grupo ao seu redor. Saiba atuar como um “Lobo Solitário”. A filiação ao partido se dá com o compromisso de cada um em promover a Cosmovisão Nacional-Socialista, a determinação individual em lutar pelo seu modo de vida. Esta é a verdadeira filiação: o compromisso com o ideal e a abnegação em prol do interesse coletivo.

Apesar de casos de antissemitismo, os alvos principais da extrema-direita brasileira não são judeus. Funcionando como peça essencial à paranoia fascista, o elemento ameaçador, o “outro conveniente” é deslocado da figura do judeu para o nordestino, o negro ou o homossexual. Por sua vez, no caso argentino este deslocamento, sempre ocasional, parece se expressar contra imigrantes paraguaios, peruanos e bolivianos. São eles os concebidos como pobres “rotos”, doentes, sanguessugas dos recursos nacionais.

Na Argentina, as complexas relações entre os extremistas de direita e setores dos diferentes governos e de corporações militares torna a compreensão do problema ainda mais difícil. A conhecida acolhida de Juan Domingo Perón a fugitivos alemães que participaram em diferentes posições no III Reich, bem como a incorporação destes como quadros do governo argentino, a sua permanência mesmo após a queda de Perón e subsequente colaboração destes personagens com a ditadura militar argentina, evidenciam que as práticas fascistas tiveram continuadores e que as pretensões dos extremistas de direita encontram caixas de ressonâncias.

Um episódio que põe em destaque este sentimento de intolerância alimentado durante anos ocorreu numa partida entre as equipes do Defensores Belgrano e o Atlanta, equipe ligada à comunidade judaica de Buenos Aires. Na ocasião sabonetes foram atirados ao campo na direção dos jogadores da segunda equipe. Em 2006, o fato se repetiu: “hinchas de Defe entonaron cantos xenófobos contra la comunidade judía”, informa o Clarín . Por outro lado, a pouca atenção dispensada aos extremistas pela polícia gera questionamentos. Um indício de que as relações entre determinadas autoridades de segurança na Argentina e os neonazis às vezes assume tons de certa “camaradagem” pode ser observado numa anedota fascista lembrada pelo jornalista Raúl Kollmann na qual, após ser preso, o neonazista é interrogado: “- ¿Vos sos nazi? – Pregunta el policía de turno. – Sí – responde el detenido. – Entonces, Sieg Heil! – se cuadra el hombre de uniforme” (2001:131).

No Brasil, se os casos de antissemitismo aparecem em menor incidência, a rede tem servido para a difusão de ódio a gays, afrodescendentes e nordestinos de modo regular. A longevidade de sites como o [www.silviokoerich.org](http://www.silviokoerich.org) ou [www.valhalla88.com](http://www.valhalla88.com) muito indicia sobre as dificuldades de se combater a intolerância on line. Porém, episódios como o massacre em Realengo, as ameaças de ataque à UnB e as constantes caçadas a gays e nordestinos nas ruas de São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades do país sinalizam para a necessidade de se pensar com mais profundidade o problema. Outro aspecto a ser considerado é o peso das tensões regionais nas interpretações dos fascistas nacionais. Afinal de contas, a maioria dos sítios estudados foi de grupos localizados no Sul e Sudeste brasileiro ou na Capital Federal argentina. A plasticidade das interpretações se mostra necessária para que skinheads de Porto Alegre esqueçam que são “sudacas” frente aos seus parceiros europeus ou que os carecas paulistas e alagoanos relativizem a cor da pele frente aos argumentos supremacistas. A única regularidade entre estes grupos parece ser a sua homofobia e o machismo.

Na Argentina, atentados envolvendo grupos, em lugar de lobos solitários como o atirador brasileiro Wellington Menezes, foram mais comuns. Os ataques à Embaixada de Israel (17 de março de 1992, 29 mortos, 242 feridos) e à sede da AMIA (18 de julho de 1994, 85 mortos, 300 feridos), ilustram esta diferença. Em ambos os casos, estruturas mais complexas entraram em ação para a realização dos ataques. Todavia, nos três casos, perdas humanas foram consideradas parte do objetivo de chamar a atenção através de ações espetacularmente perversas.

Desta maneira, apesar de apresentarem desempenhos diferenciados, os fascismos que infestam a internet no Brasil e na Argentina a partir do final da década de 1990 preocupam, agridem e difundem o ódio ao diferente de modo semelhante. Embora não tenham assumido posições em postos-chaves dos governos e tenham sido combatidos com certa contundência pelas autoridades de ambos os países, ativistas da extrema-direita deixam escapar um constrangedor apoio de setores entranhados na máquina governamental que eles mesmos dizem combater. No Brasil, a dispersão de facções neonazis

pelo país impossibilitou o surgimento de uma figura emblemática, de um líder amalgamador das ideias destes grupos.

## **Considerações finais**

Durante certo tempo o ciberespaço manteve os historiadores distantes dele. Como uma persona bíblica, o medo ao castigo divino parece ter conduzido os historiadores ao desvio do olhar. Sobre a Internet não se poderia (ou se deveria) falar. E enquanto os historiadores cerravam os olhos, ao final da última década do século XX, num tempo em que se esperava ser o começo de um longo período de paz e harmonia entre os povos, a intolerância ganhava espaço através de jogos eletrônicos, músicas, fotografias, planos de ataque, revisionismo histórico, ataques a judeus, imigrantes, negros, homossexuais e todos os demais “inimigos naturais” do homem branco ariano. Tudo isto era articulado graças ao uso da Internet.

As páginas do ódio e seus idealizadores no Brasil e na Argentina atraíram jovens, agrediram os seus opositores e escaparam durante anos de quaisquer punições. A ocupação do ciberespaço por grupos de extrema-direita progrediu a passos largos graças à desatenção e ao próprio ineditismo das redes telemáticas. Políticos, juristas, intelectuais e diferentes ativistas foram pegos de surpresa.

Na Argentina, a combinação das reformas promovidas ainda no primeiro governo Ménem, que transformaram o panorama da economia nacional e baratearam as comunicações – mas ao mesmo tempo aprofundaram as diferenças sociais, promoveram deslizamentos no poder aquisitivo e na qualidade de vida de parte significativa da população – aliada à persistência de segmentos da ultradireita identificados com os ideais fascistas, propiciou o avanço do Libre opinión na web. Porém, a fraca penetração social deste grupo foi evidenciada pelas derrotas sofridas na Justiça e pela pouca ressonância das marchas e eventos por eles convocados.

Por sua vez, o sítio brasileiro Valhalla 88 não parece ter sido composto por um grupo maior do que dez pessoas. Todavia, não precisamos ter tantos para que os prejuízos apareçam. Wellington Menezes nos mostrou isto. Possivelmente o que tornou o site tão visitado foi a sua capacidade de reunir doutrinação e material de entretenimento em um só lugar.

Deste modo, a análise do comportamento fascista no século XXI acentua a necessidade de se consolidar o campo da História Digital, pois é nele que melhor se consegue observar ambientes como o ciberespaço respeitando as suas especificidades. Ao realizamos uma análise comparativa entre Brasil e Argentina identificamos semelhanças preocupantes, mas também diferenças que sinalizam para as especificidades históricas de cada país. A generalização não é possível e nem interessante. Nos dois

casos percebemos a complexidade dos fascismos ressurgentes e da sua maior dispersão via redes eletrônicas.

### **Nota sobre o autor**

Possui Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Sergipe (1999), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (2002) e doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2008) e Pós-Doutorado em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013). Coordena o Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/CNPq). Participou como parecerista do MEC no processo de avaliação dos livros didáticos de história do PNL D 2010, 2011, 2012. É Tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) História e membro do Conselho Editorial da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é professor adjunto 2 do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, do Núcleo de Pós-Graduação em História da UFS e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: dilton@getempo.org

### **Referências Bibliográficas**

- AZEMA, J.(1993). Tempo Presente. In: Burguière, André. Dicionário das Ciências Históricas. Trad. Henrique de Araújo Mesquita. Imago. 736-740.
- BACK, L, KEITH, M, SOLOMOS, J.(1998). Racism on the Internet: mapping neofascist subcultures in cyberspace. BJØRGO, T., KAPLAN, J. (Orgs.). Nation and race: the developing Euro-American racista subculture. Austin, TX: Northeastern University Press p.73-101.
- BARBROOK, R. (2009). Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global. Rio de Janeiro: Peirópolis.
- BARTOLETTI, S. (2006). Juventude hitlerista: a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram. Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- BAUMAN, Z. (1999) Globalização: as consequências humanas. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- BÉDARIDA, F. Tempo presente e presença da história. Usos & Abusos da História Oral. AMADO, J., FERREIRA, M.(2005). 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 219-232
- BLOCH, M (2011). A estranha derrota. Rio de Janeiro: Zahar.
- BLOCH, M. (2001). Apologia da História ou O Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BOBBIO, N. (1986). Dicionário de Política. Trad. João Ferreira, Carmem varriale et alli. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- BORIN, M. Revionismo/Negacionismo. In: MEDERIOS, S, SILVA, F., VIANA, A. (2000). Dicionário crítico do pensamento da direita: ideias, instituições e personagens. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad.397
- BRESCIANO, J. (2008). I historiador y las fuentes eletrônicas. Nuevos horizontes para La crítica heurística en siglo XXI. <[http://WWW.h-debate.com/Sesión 15/05/08 Seminario "on line">](http://WWW.h-debate.com/Sesión 15/05/08 Seminario ) Último acesso 12 dez. 2008.
- CAMUS, J. Skinheads. In: MEDERIOS, S, SILVA, F., VIANA, A. (2000). Dicionário crítico do pensamento da direita: ideias, instituições e personagens. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad.397
- CASTELLS, M. (2003). A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- CASTELLS, M.(2006). A sociedade em rede. 9 ed., São Paulo: Paz e Terra.
- CHAUVEAU, A, TÉTART, P. (1999). Questões para a história do presente. Bauru, SP: EDUSC.
- CLARKE, R. (2010). Cyberwar: the next threat to national security and what to do about it. New York: Harper-Collins.
- COHEN, D.,ROSENZWEIG, R. (2006). Digital History: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the web. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- DIAS, A. (2007). Os Argonautas do Teutonismo Virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet. Campinas, SP: UNICAMP.94-95.
- DIAS, M. (1993). Carecas do Subúrbio: caminhos de um Nomadismo Moderno. Petrópolis: Vozes.
- FARINÓS, A. (2001-2002). Los orígenes de Internet. Hispania Nova, número 2, 2001 – 2002. Disponível on line: <http://hispanianova.rediris.es/general/articulo/024/art024.htm> acesso em 15/03/2008

- FEBRVE, L. (1992) Face ao Vento. Manifesto dos Anais Novos (1946). História. São Paulo: Ática.173-182
- GABLE, G, JACKSON, P. (Orgs). (2012). Far-Right.com: nationalist extremism on the Internet. University of Northhampton: Northampton.
- HOBBSAWM, E. (1997). Era dos Extremos: o breve século XX. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- KOLLMANN, R. (2001). Sombras de Hitler: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas. Editorial Sudamericana: Buenos Aires.
- KOSELLECK, R. (2006). Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio.
- LÉVY, P. (2000). Cibercultura. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34.
- MAYNARD, D. (2005). A intolerância on line: aspectos da propaganda da extrema-direita brasileira na Internet. In: Anais eletrônicos do XXIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis. CD-ROM.
- MAYNARD, D. (2010). Intolerância em rede: apropriações da Internet pela extrema-direita (1999-2009). Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 5, Nº10, Rio, 2010
- MAYNARD, D. (Org.). (2012). História, neofascismos e Intolerância: reflexões sobre o Tempo Presente. São Cristóvão/rio de Janeiro: Edufs/Luminárias.
- MAYNARD, D., LUCCHESI, A. (2012). @intolerância: redes sociais e extremismos no ciberespaço. In: MAYNARD, Dilton (Org.)História, neofascismos e Intolerância: reflexões sobre o Tempo Presente. São Cristóvão/rio de Janeiro:Edufs/Luminárias. 17-44
- MAYNARD, D.(2011).Escritos sobre História e Internet. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias.
- MEDERIOS, S., VALENTE, L. (2011). O Manifesto de Anders Breivik. Um atentado anunciado: Noruega, 22 de julho de 2011. Revista Estudos Políticos. 3 (02).
- MILMAN, L., VIZENTINI, P. (2000). Neonazismo, negacionismo e extremismo político. Porto Alegre: Ed.UFRGS.
- MOSER, B. The Blotter. Intelligence Report. <<http://www.splcenter.org/intel/intelreport/article.jsp?sid=17>> acesso em 19/03/2008.
- MOYANO, A. (2004). Neonazis: La seducción de La svástica. Nowtilus: Madrid.

MUNHOZ, S. Guerra Fria: um debate interpretativo. In: SILVA, F. (Org.) (2004). O século sombrio: uma história geral do século XX. Rio de Janeiro: Elsevier.261-281.

NATIONAL Alliance Video Game Promotes Violent Race War.  
<[http://www.adl.org/learn/extremism\\_in\\_america\\_updates/groups/national\\_alliance/national\\_alliance\\_video\\_games.htm](http://www.adl.org/learn/extremism_in_america_updates/groups/national_alliance/national_alliance_video_games.htm)> Último acesso em 17/03/2008

NEONAZISMO web (I): Radiografia do templo do ódio<<http://www.abknet.de/wcotc.htm>> Último acesso em 22/10/2005.

NEUMANN, F. (2009). Behemoth: the structure and practice of national socialism, 1933-1944. Chicago: Ivan R. Dee/United States Memorial Museum.

NYE JR, J. (2012). O futuro do poder. São Paulo: Benvirá.

PAGE, J. Skinhead racist murders spark protests from foreign students.The Times on line.  
<[http://www.timesonline.co.uk/tol/sport/football/european\\_football/article782668.ece](http://www.timesonline.co.uk/tol/sport/football/european_football/article782668.ece)> Último acesso em 20/03/2008.

PAXTON, R. (2007). A anatomia do fascismo. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. Rio de Janeiro: Paz & Terra.

POLICE Arrest White Supremacists in Southern Califórnia.  
<[http://www.adl.org/learn/news/Arrest\\_Suprem\\_Cal.asp](http://www.adl.org/learn/news/Arrest_Suprem_Cal.asp)> Último acesso em 19/03/2008.

POLÍCIA fecha 400 cibercafés no Irã <<http://idgnow.terra.com.br/idgnow/internet/2001/05/0049>> acesso em 18/02/2005.

POLÍCIA prende skinheads que agrediram judeus no Sul. Agência Estado  
<http://noticias.aol.com.br/brasil/fornecedores/age/2005/05/14/0003.adp> Último acesso em 14/05/2005.

PROPAGANDA neonazista na internet cresceu 300% desde 1999  
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u9685.shl>> Último acesso em 13/03/2005.

PROPAGANDA neonazista se expande pela Internet  
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u21608.shl>> acesso em 13/03/2005.

QUITTNER, J, STAMPER, C. (1996). Home pages for hate. Time. Jan. 22.  
<[www.time.com/time/.../0,9171,983994,00.html](http://www.time.com/time/.../0,9171,983994,00.html) >Último acesso 20/08/2011.

- RIDGEWAY, J. (1995). *Blood in the Face: The Ku, Klux, Klan, Aryan Nations, Nazi skinheads, and the Rise of a New White Culture*. 2 ed. New York: Thunder's Mother Press.
- ROMERO, L. (2012). *Breve História Contemporânea de la Argentina (1916-2010)*. 3ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- ROSENZWEIG, R. (2011). *Scarcity or Abundance? Preserving the past*. In: *Clio Wired: the future on the past in the digital age*. New York: Columbia University Press.
- SALAS, A. (2006). *Diário de um skinhead: um infiltrado no movimento neonazista*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Planeta.
- SILVA, F. (2013) *O retorno do Mal: Zwickau, Alemanha*. In: *A história na primeira página*. Rio de Janeiro: Multifoco.83-88.
- SILVA, F. (2004). *O século XX: entre luzes e sombras*. In: *O século sombrio: uma história geral do século XX*. Rio de Janeiro: Elsevier.1-25.
- SILVA, F. (2013). “O Faraó, camelos e o Facebook”. In: *A História na Primeira Página*. Rio de Janeiro: Multifoco. 83-88.
- SILVA, F. (2013). *Um estrondo na Noruega: quando o diabo bate à porta*. In: *A história na primeira página*. Rio de Janeiro: Multifoco. 29-34.
- SILVA, F. Neofascismo. *Boletim do Tempo Presente*<[http://www.temppresente.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=34&Itemid=124](http://www.temppresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=34&Itemid=124)> Último acesso em 29/03/2008.
- SKINHEADS assassina homossexual no Centro de SP <<http://mixbrasil.uol.com.br/pride/intolerancia/edsonneris.htm>> acesso em 20/03/2008.
- SMITH, C. Can you do serious History on the web?<<http://chnm.gmu.edu/resources/essays/serioushistory.php>> acesso em 11/03/2008.
- TALBOT, D. *Terror's Server - How radical Islamists use internet fraud to finance terrorism and exploit the internet for Jihad propaganda and recruitment*. *Technology Review*.<[http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature\\_terror.asp?p=0](http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature_terror.asp?p=0)> Último acesso em 09/06/2005.
- VIDAL-NAQUET, P. (2005). *Les assassins de la mémoire: “Um Eichmann de papier et autres essais sur le révisionisme*. Paris : La découverte/Poche.

WHITE Power Music Groups <[http://www.adl.org/learn/Ext\\_US/music\\_country.asp](http://www.adl.org/learn/Ext_US/music_country.asp)> Último acesso em 15/03/2008.

ZÜNDEL, E. Introdução ao pensamento revisionista.<<http://www.radioislam.org/historia/zundel/protug/06.htm>> Último acesso em 23/03/2008.